

Homenagem a Eduardo Lourenço

Fundação Calouste Gulbenkian

Lisboa, 7 de Outubro

Intervenção de Manuel Alegre

Alguém disse que quase tão difícil como descobrir um grande poeta é encontrar um grande leitor de poesia. Nós temos alguns. E um deles é por certo Eduardo Lourenço. Mas um leitor diferente, porque ele não lê a partir de nenhuma teoria da literatura, ele lê a poesia da parte de dentro. É de certo modo um leitor-poeta que lendo completa e reinventa o poema. Ele lê a poesia como quem faz parte do seu processo mágico.

Atrevo-me mesmo a dizer que é como leitor de poesia que ele lê tudo. Foi talvez como leitor de poesia que ele leu certos filósofos e depois escreveu Heterodoxia, que também rima com heresia e poesia. Como leitor de poesia ele nos leu. E assim chegou ao Labirinto da saudade. Como leitor de poesia. Sempre. Mesmo quando escreve sobre política, sobre a esquerda, sobre Portugal e os desconcertos do mundo. E é por ler assim que a sua leitura e a

sua escrita vão sempre mais longe. São sempre, para dizê-lo à maneira dele, uma leitura outra e uma escrita outra.

Mesmo quando, ou até talvez sobretudo quando nos deixa um tanto perplexos ou irritados. Já me aconteceu. Por exemplo, quando o ouvi dizer que os poetas portugueses, com excepção de Antero, não falam do mar. Julguei que ele estava a brincar, esquecendo Camões, António Nobre, Camilo Pessanha, Afonso Duarte, Torga, Sophia, Sena, Eugénio de Andrade, enfim, quase todos. Mas depois alguém me sugeriu que o que ele queria significar é que nenhum outro, como Antero, tinha o mar dentro de si mesmo. Fiquei a matutar naquilo e acabei por lhe dar razão. Mesmo sem quase nunca falar do mar, Antero tem a infinitude do mar, a solidão, a metafísica do mar ou o meta-mar em cada verso.

E é assim que por vezes Eduardo Lourenço nos estimula e nos inspira: provocando-nos, deixando-nos ora irritados, ora em íntimo desassossego. E muitas vezes também enfeitiçados. O que só é possível porque na sua escrita está sempre, e nem sequer disfarçado, um grande leitor de poesia, um leitor poeta, já que não encontro outra expressão para designar quem, não sendo propriamente poeta nem romancista, é muito mais do que ensaísta e, perdoem-me a inconveniência, do que filósofo. Digo isto porque não é possível falar de Eduardo Lourenço sem exaltar, também nele, o mérito da criação literária. A sua escrita sobre outras escritas é ela própria um acto de criação. Ele não tem sido somente o amigo e cúmplice de poetas e ficcionistas, a sua prosa nas produções teóricas, nos artigos de opinião, na oratória, nos fragmentos de diário, possui a magia do poema, é ela própria um outro nome do poema.

“Compagnon de route” dos neo-realistas, de que foi leitor, crítico e também divulgador, Eduardo Lourenço soube assinalar a sua importância e os seus limites, sublinhando que “a urgência do combate ideológico parece ter eclipsado a do único combate poético inadiável, aquele que de cada vez o homem-como-linguagem trava com a linguagem-como-homem que lhe foi dada.”

“Compagnon de route” de outras causas, no tempo em que Portugal era a preto e branco e não era fácil pôr simultaneamente em causa dogmas de sinal contrário, Eduardo Lourenço veio dizer-nos que “o homem é uma realidade dividida” e que era preciso resistir à tentação da unidade a todo o custo, porque ela conduz inevitavelmente à tentação totalitária.

Eduardo Lourenço dá-nos de nós, portugueses, uma leitura que nada tem a ver com euforias mistificadoras nem com disforias desmobilizadoras. Combate sempre a desvalia de Portugal. Demasiado lúcido para ser optimista. Demasiado português para descrever do seu país. “Nós somos o que somos por ter sido quem fomos” – diz ele. E acrescenta: “O que somos não pode ser dissolvido nem realmente ameaçado por perigo algum vindo do exterior, nem a improvável federação hispânica, nem a provável confederação europeia.”

Isto é importante sobretudo neste tempo em que a crise de elites e o desconhecimento da História levam alguns a confundir integração europeia com diluição nacional e fazem renascer em outros a tentação nacionalista. Eduardo Lourenço, à maneira de Pessoa, é um europeu que o é tanto mais quanto mais português.

“Inventámos Europa à margem da Europa”, escreve ele. E mais: “A nossa deriva atlântica é mesmo a essência do nosso específico europeísmo e por isso é que importa trazermos à Europa a nossa Europa.”

Mas a que Europa afinal? Sem ignorar a importância da economia, a Europa a que Eduardo Lourenço quer trazer a nossa Europa está muito para além do euro e dos fundos estruturais. “Onde seja possível entendermo-nos sobre o que significam os tipos de humanidade que recobrimos com os nomes de Homero e Platão, Santo Agostinho e Erasmo, Descartes e Einstein, é aí a Europa.” Sem esquecer que “a Europa de Kundera, com a Europa de Tchekov, de Tolstoi, de Bulgakov, faltam e faltarão sempre à Europa.”

É claro que esta Europa ainda não vem em nenhum mapa. Nem existe na cabeça dos eurocratas e dos políticos cinzentos e sem grandeza que hoje dirigem a maior parte dos países da União Europeia e muitas vezes a reduzem – Eduardo Lourenço o disse – ao papel de criada de servir do parceiro americano. Mas sem esta visão histórico-espiritual, a Europa não será mais do que (cito) “um mero jogo económico-político, uma forma talvez ainda brilhante mas oca por dentro.”

Devemos a Eduardo Lourenço uma fantástica viagem por dentro de nós mesmos, na nossa relação connosco e na nossa relação com o mundo. Não podemos também esquecer o seu modo único de assumir o presente sem temer a sua instabilidade, o seu desajuste, até mesmo o seu desencanto.

A intervenção de Eduardo Lourenço na vida pública, marcada por uma independência de espírito que nada tem de a-solidária, constitui um caso admirável de clareza e risco assumido. Ele não vai atrás da moda. Não confundiu por exemplo a queda do muro com a morte dos ideais e das convicções, muito menos com o fim da História. Basta ler os seus textos sobre alguns dos últimos conflitos e as questões do socialismo num mundo entretanto transmutado, para compreender que Eduardo Lourenço recusou a atitude oracular de certos intelectuais, da esquerda ou da direita, para, pelo contrário, tocar o real no lado de dentro da sua própria mutabilidade.

O mitólogo, descobridor, destruidor, reconstrutor e fixador de mitos, mesmo ou sobretudo os mais ocultos, inventor de mitos como se os mitos não fossem apenas a face inefémera do que existe, foi sempre um homem desassossegado e desassossegador. Cada livro por si publicado, cada artigo de jornal ou de revista, cada colóquio, cada discurso, são um lugar de inquietude onde nos congregamos para a lucidez e a acção.

Portugal é difícil, Eduardo Lourenço nunca renunciou a essa dificuldade. A liberdade é incómoda, Eduardo Lourenço nunca fugiu a essa incomodidade.

Não sei se todos os portugueses merecem Eduardo Lourenço.
Portugal merece.